

**Texto de apresentação do livro Na Lona, Rogério Reis por Heloísa Buarque de Hollanda. Editora Aeroplano. Rio, 2001.**

**Realismo Absoluto**

A insatisfação pode trazer angústia, mas não desapontamento. Foi o que aconteceu quando Rogério Reis, então repórter fotográfico, insatisfeito com a rotina espetacular dos desfiles das Escolas de Samba, abandonou o Sambódromo e escolheu fazer a cobertura das ruas, durante o Carnaval de 1987. Ainda que não tenha sido um gesto premeditado, nesse momento, o repórter cedia seu lugar ao artista e assumia os desafios da criação na fronteira entre o fotojornalismo e o portrait. Começava ali, ainda talvez sem saber, um trabalho progressivo que o mobilizaria pelos próximos 15 anos.

Ao olhar as fotos da coleção *Na Lona*, confesso que me sinto intimidada.

Há, digamos, um excesso de realidade nessas fotos que me atraem e me desconfortam. Rogério parece conseguir verticalizar a relação trágica entre a fotografia e a realidade.

Explico melhor: o grande *portrait* causa sempre algum estranhamento. Talvez o fotógrafo e seu modelo, cúmplices, guardem um dado precioso em silêncio. Ambos sabem que esta é uma experiência de simulação. Ambos sabem que um retrato fixa, em sua superfície, uma relação afetiva, um desencontro, um instante no tempo. Nunca, o próprio fotografado. É a percepção aguda desta hermenêutica do portrait que faz de Rogério Reis um dos artistas mais importantes do cenário brasileiro contemporâneo.

Neste trabalho com o Carnaval, improvisa um *quase-studio* com a ajuda de um fundo infinito de lona, conseguindo assim isolar e transformar o excesso de informação das ruas num "suporte limpo" para receber o olhar sobre o retratado. Na lona, o artista-repórter permite-se estar no meio do tumulto carnavalesco e, ao mesmo tempo, confinado, solitário, pura adrenalina, olho no olho, radicalmente próximo e distante de seu modelo, explorando mais uma situação fronteiriça para a criação fotográfica.

Não me parece que o que tenha movido Rogério Reis para este trabalho tenha sido um interesse antropológico ou mesmo um gosto especial pelo Carnaval. Não é isso que suas fotos dizem. Não seria isso que me intimidaria ao observar suas fotos excepcionais.

Pelo contrário, arriscaria dizer que sua relação com o Carnaval é funcional. O Carnaval – e suas possibilidades infinitas de encenação e fantasia – é eleito pelo fotógrafo apenas como o diabólico *studio* de seus *portraits*. Aqui, não será possível encontrar imagens dentro das normas de um realismo jornalístico ou estetizante. Ao contrário, neste trabalho definitivo, Rogério Reis se expõe e nos expõe ao realismo absoluto, original, louco, do espanto fotográfico diante da realidade.

Heloísa Buarque de Hollanda  
Ensaísta, escritora, editora, crítica literária e pesquisadora